

Persona

Por Ricardo Sardenberg

O Beijo é em pé, o *Medo originário* é sentado, e *Ofélia* é deitada. Essas são as três esculturas da exposição *Persona*, a segunda individual de Gokula Stoffel no Galpão da Fortes D'Aloia Gabriel. Como o arquétipo Jungiano, a *Persona* é múltipla, um quebra-cabeça de máscaras e transparências. São as pinturas e objetos nas paredes que reverberam o corpo escultórico que está no espaço, deitado, em pé, e sentado, circundando a grande obra de trama ao centro, que dança em silêncio meditativo diante do beijo, do medo e da morte. Todos encenam com concisão e liberdade a alma da artista no seu casulo atelier, e o mundo que se abre ao se expor como condição do inconsciente coletivo.

Gokula trabalha esses temas como quem está em estado de excitação, de alerta, de procura, onde cada estalo de um galho em uma floresta parece esconder uma fera oculta, um surto, que pode provocar a revoada de pássaros em uma paisagem, e a alma salta do corpo. Um monte, como que por alucinação, se transforma em um vulcão em erupção. Simbolista por sensibilidade e irracional como condição de criação, a busca pela liberdade define a persona da artista. Se as cabeças são decapitadas, se temos máscaras que flutuam no espaço, elas são máscaras klimtianas. Assim como a pequena escultura *Beijo* assentada sobre um cobogó de vidro transparente tem a mesma verticalidade radical do *O Beijo* de Klimt, só que reduzidos a elementos mínimos. O duro do vidro é também a água do poço, uma inversão com a fluidez da pintura esverdeada *Pântano Primordial*, onde um corpo feminino relaxa em um poço como se estivesse numa jacuzzi. É evidente o humor dessa figura tomando banho no pântano diante da escultura *Ofélia* — mergulhada, por sua vez, em resina, aludindo ao delírio do famoso suicídio Hamletiano.

O beijo não mergulha em si, mas em outras obras, afinal o ouro klimtiano pode ser invertido no prateado brilhante de uma cortina que simultaneamente revela e esconde a complexa relação de Penélope com o tempo em sua longa espera pelo retorno de Ulisses da guerra. *Penélope dança tecendo com os fios do tempo* descortina um jogo de sedução e espera entre a figura feminina, que é vista da calcinha para baixo, e o tempo representado por fios e tramas: uma espécie de Kairós, o tempo grego do clima, atmosférico, um emaranhado sem ordem cronológica, que ainda que seja representado por uma cabeça que parece a lua de Georges Méliès, é também uma cabeça-paisagem imaterial como o próprio tempo. A própria lua representa o tempo de forma ambígua, pois ela organiza o calendário antigo do semeio à colheita, sendo assim também Cronos, o tempo cronológico. Nessa completa instabilidade dos signos, ambos, Penélope e Kairós/ Cronos, se enamoram em um beijo metafórico, uma dança ritualística, quando o fio que os conecta e dá corpo ao tempo muda de cor. Ela tece de dia o fio do tempo e da espera, e a noite, em sonhos delirantes, desfaz o corpo deixando a lua solitária e brilhante lá no céu.

A psique tem uma inversão, um beijo, um outro, uma sombra. A sombra alongada, assustadora, de pé, é uma ocorrência do raiar do sol. Na tela *Raiar*, o raiar é o momento em que tudo é colocado em movimento, um turbilhão de cores em explosões de luzes. É a projeção dos seres que somos, mas nunca mostramos para o outro, na paisagem, na parede de casa, sobre uma mesa ou uma cadeira, conforme a direção do sol que desponta e projeta nossa sombra como um teatro de marionetes. Mas também é a inversão dessa expansão, é aquele momento do respiro profundo, o momento em que os olhos dardejantes da vigília noturna são cegados pela potência dos primeiros raios de fogo solar, o momento em que dois dedos se unem, como na trama *Meditação*. Suspensa do teto, uma figura de pernas cruzadas composta de pintura e tecido, com os pés de arame e as mãos de biscuit pintado, parece entrar em transcendência elevando-se em direção ao céu — mas com algum humor expresso em um grau de azedume, um riso de soslaio, e o desejo de que tudo isso passe. Um momento curto e rápido, fugaz, uma possível epifania Joyciana, desregradamente se ligando ao fatigado modernismo. Nesse momento, Gokula simbolista, se multiplica em Personas.